

## **IDENTIDADE JOVEM E DIFICULDADES DE INSERÇÃO SOCIAL EM VAVÓ XÍXI E SEU NETO ZECA SANTOS, DE LUANDINO VIEIRA**

Valcêmia Freire Monteiro  
Universidade Federal de Campina Grande

José Luandino Vieira é considerado um dos maiores representantes da ficção angolana. Sua obra, sempre voltada para o social, aborda a vida do povo angolano, suas tradições, suas crenças e seus costumes. Ela mostra, principalmente, a vida dos habitantes dos musseques, retratando o sofrimento desses povos imposto desde os tempos da colonização, destacando a fome e a exploração de homens e mulheres. Para Dantas (2007, p. 35) a obra de Luandino “consegue suscitar no leitor a emoção desejada: tristeza, revolta, alegria, etc”. Conforme o pensamento de Gramsci (apud Dantas, 2007, p.35) a emoção provocada pela obra de Luandino ocorre principalmente, pela “forma na qual o conteúdo abstrato fundiu-se e identificou-se”.

A ficção de Luandino mostra o espaço complexo e instável que é a cidade de Luanda, cuja população que habita os musseques se encontra em busca do verdadeiro rumo. A realidade de Luanda, como observou Tânia Macêdo (2006), se revela a partir de ruas congestionadas e com pavimentação quase inexistente, com um grande número de crianças de rua cercadas por automóveis de luxo, de casas gradeadas e guardadas por cães e empresas privadas de segurança. Por outro lado, há os bairros clandestinos que crescem assustadoramente do dia para a noite, da ruína dos edifícios históricos ou da destruição do patrimônio urbano. Nesses espaços periféricos ocorrem falta de energia elétrica e água potável, além das doenças como diarreias, malária e AIDS que dizimam a população mais necessitada.

Por ser a única cidade que conta com parque gráfico de porte, Macêdo (2006) considera que Luanda é o local em que grande parte da literatura nacional é produzida, lançada e comentada, pois é nela que está sediada a União dos Escritores Angolanos, fundada em 1975 por Agostinho Neto. Por essa razão, a cidade tornou-se obrigatória no imaginário nacional e cenário privilegiado da literatura produzida no país. Logo, “estudar a literatura produzida em Angola é obrigatoriamente referir-se a Luanda, sua história e sua gente” (MACÊDO, 2006, p. 178).

Com o objetivo de registrar e denunciar os abusos pelos quais passam o povo luandense, Luandino Vieira focaliza a cidade do colonizado a partir da denúncia da situação cotidiana

do negro e das humilhações pelas quais ele passa, os açoites que recebe na tentativa de (re) construir uma vida miserável e sem esperanças.

É nessa perspectiva que se configura a estória “Vavó Xíxi e seu neto Zeca Santos”, primeira narrativa do livro *Luuanda*. A narrativa é centrada nas dificuldades do jovem Zeca Santos, que mora com sua avó no musseque, de se enquadrar na sociedade colonial. Sem conseguir arrumar emprego fixo para corresponder as exigências da quase namorada Delfina, Zeca sofre pela miséria e pela impossibilidade de transformar sua vida.

A estória é iniciada com a presença da seca, seguida de uma forte chuva com raios e trovões que alaga todo o musseque. A chuva é colocada pelo narrador como elemento fantástico e simbólico, preparando terreno, limpando todos os desequilíbrios e abrindo espaço para novas tentativas de sobrevivência:

O musseque nessa hora, parecia era uma sanzala no meio da lagoa, as ruas de chuva, as cubatas invadidas por essa água vermelha e suja correndo caminho do alcatrão que leva na Baixa ou ficando, teimosa em cacimbas de nascer mosquitos e barulhos de rãs. Tinha mesmo cubatas caídas, e as pessoas, para escapar morrer, estavam na rua com as imbambas que salvaram. (VIEIRA, 2004, p. 17).

Como podemos verificar, através desse fragmento, a estória tem como espaço o degradado musseque, que “são bairros proletários distantes da área mais urbanizada de Luanda, que estão longe das condições ideais de higiene e saúde para sua crescente população” (RAMOS, 2007, p. 282). Após a chuva, a vida no musseque continua, assim como a miséria, que pode ser vista a partir das péssimas condições de higiene e habitação, além dos moradores marginalizados econômica e socialmente. Aqui, Luandino mostra a cidade de Luanda a partir de duas vertentes: a primeira, através do musseque cada vez mais pobre e afastado do centro; a segunda representada pelo progresso do litoral que é retratado pelo crescimento do comércio, pelo movimento no porto e pelo lazer encontrado nos bailes de sábado.

Com relação ao tempo, temos um tempo mítico, o dos acontecimentos e, ao término da leitura, percebe-se que o tempo passa e as situações vão mudando. Porém, a pobreza, a fome e o desemprego não sofrem alterações, indicando que não há saída para tanto sofrimento:

[...] Os soluços de Zeca Santos enchiam a cubata com uma tristeza que, pouco-pouco, começou atacar vavó, fez a cabeça velha ficar abanar à toa, pensando nessa vida assim, sem comida, trabalho nada, no choro do neto, nessa vez parece ele tinha razão. Mas também Zeca não ganhava mais juízo; quando estava ganhar o vencimento no emprego que lhe correram, só queria camisa, só queria calça de quinze em baixo, só queria pégua vermelha, mesmo que lhe avisava para guardar ainda um dinheiro, qual?!

(VIEIRA, 2004, p. 22)

Diante do exposto, verifica-se que Zeca Santos apesar de ser vítima da pobreza extrema e da fome que o maltrata dia-a-dia é um jovem vaidoso, namorado e iludido com as falsas possibilidades de inserção social baseadas na aparência – preocupava-se em usar roupas da moda para frequentar os bailes de sábado e namorar as moças do musseque -. Por estar alheio às necessidades de transformação política de Angola, ele é colocado na narrativa como o principal responsável pela situação caótica em que vive.

Todos os dias, Vavó Xíxi reclamava a ausência de alimento e ordenava o rapaz que procurasse serviço, mas o trabalho nunca aparecia. Em sua jornada pela procura do trabalho, Zeca encontrava grandes dificuldades de inserção profissional, sendo repellido e humilhado.

Zeca tinha plena consciência de suas limitações. Porém, não escondia seu desejo de desfrutar intensamente da vida. Ele tenta ultrapassar sua condição inferior, mas as tentativas de conseguir trabalho decente são frustradas a cada passo, fazendo com que Zeca fique sem esperanças. A ausência de uma ocupação o impede de conquistar o amor de Delfina, que também é disputado por João Rosa, um mulato bem sucedido que possui automóvel e prometia privilégios para a moça. Delfina era moça sensata, trabalhadora e inteligente não queria se envolver com um rapaz que nada tivesse para lhe oferecer. O sucesso profissional e a posição de vantagem de João Rosa magoavam intensamente Zeca Santos que sentia uma profunda tristeza e vergonha de si mesmo.

Habitante do musseque, vivendo sozinho com a avó em uma cubata miserável sem o auxílio dos pais, Zeca sente o peso de não conseguir emprego por não ter tido uma escolaridade devida, por isso, não consegue acompanhar o ritmo vertiginoso do mundo moderno, ele sente-se deslocado e fragmentado, pois, somente no seio de uma família, na interação com outros indivíduos, Zeca poderia desenvolver uma identidade compartilhada. Mas, ele encontra-se desarticulado, interrogando-se sobre seu lugar, espelhando a fragmentação e a desorientação, o que caracteriza uma “crise de identidade”.

Ao discutir a situação dos indivíduos na pós-modernidade, Stuart Hall (2004), coloca em questão a ideia que os indivíduos têm de si mesmos como “sujeitos integrados”, partindo da premissa de que as transformações políticas, sociais, tecnológicas, econômicas, ocorridas antes da virada do século, são responsáveis por essas alterações:

Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo... (HALL, 2004, p. 9)

Essa crise abala e desestrutura a vida de Zeca Santos que não tem onde apoiar-se. As cobranças da avó por trabalho e alimento, uma tarefa que deveria ter sido dos seus pais, provocam na mente de Zeca dúvidas e incertezas. Ele sente-se torturado e dividido: de um lado, pelo desejo de viver intensamente as experiências que a fase da juventude acarreta como: o namoro, os bailes, as roupas novas, o divertimento. Por outro lado, ele se sente sufocado pelas responsabilidades do lar, pelas exigências de conseguir trabalho, ocupando a posição de provedor da família, o único responsável pelo seu destino.

Apesar das dificuldades, a solidariedade dos angolanos é preservada e aparece através da bondade do amigo Maneco, que sente o drama de Zeca, ajudando-o a encontrar trabalho. Essa solidariedade tão típica do povo angolano aparece como uma forma de amenizar o sofrimento do rapaz. Maneco oferece ajuda e sai com Zeca na procura de trabalho, verifica os anúncios dos jornais na tentativa de encontrar serviço compatível com a estatura física frágil do amigo. Mas, a procura pelo trabalho torna-se para Zeca um momento de grande tristeza e humilhação. Cada ambiente que ele percorre torna-se uma trajetória frustrante que abala sua autoestima e elimina suas esperanças. Na estória há vários exemplos dessa degradação:

- Ouve lá, pá onde é que nasceste?  
- Nasceu onde? – repetiu o contínuo.  
- catete patrão!

O homem então assobiou, parecia satisfeito, bateu na mesa enquanto tirava os óculos, mostrando os olhos pequenos, cansados.

- De catete, hem?! Icolibengo?...calcinhas e ladrões e mangonheiros!.. e agora, por cima, terroristas!...Põe-te lá fora, filho dum cão! Rua, filho da mãe, não quero cá catetes!... (VIEIRA, 2004, p.35)

O fato de ser morador do catete anula suas possibilidades de conseguir emprego na Baixa. Caso estivesse dentro de uma sociedade africana tradicional, Zeca Santos, estaria cercado pelos cuidados dos mais velhos, que nos grupos étnicos, de acordo com Ramos (2007), são pais de qualquer jovem ou criança, ensinando-o e amparando-o. Ele estaria passando “pelos ritos de iniciação de forma natural, dançando as ‘umbigadas’ para ter os primeiros contatos físicos com as moças, ou brincar os jogos tradicionais socializantes” (RAMOS, 2007, p. 285). Porém, ele é retratado no musseque como um sem rumo, perdido e humilhado num ambiente degradante que não o acolhe nem o integra. Seu pai, João Ferreira, está preso como terrorista, sua mãe não é mencionada, ele está apenas na companhia da Vavó Xíxi, que se encontra largada, vivendo sozinha na cubata, tendo que realizar todos os trabalhos.

Vavó Xíxi é a personagem que representa o elo que conhece o passado e avalia o presente, com sua sabedoria de vida ela procura aconselhar o seu neto mostrando as consequências de suas atitudes impensadas que lhe trouxeram uma culpa inútil. Nesse cenário hostil ela tenta manter algumas práticas tradicionais que preservariam o equilíbrio, mas sente-se fraca e abatida pela fome, reconhecendo que os problemas são originados, principalmente, pela própria condição social. Por ser totalmente ligada ao passado, aos tempos de antigamente, quando ainda tinha fartura em casa, vavó Xíxi não consegue acompanhar as demandas da revolução de seu tempo. Diante dessa situação, ela não adquire uma consciência política.

Através dessa personagem, Luandino Vieira movido pelo ideal nacionalista, transpõe para a literatura as expressões e os vocábulos utilizados pelo povo de Angola. A tradição oral encontra-se representada na estória a partir de várias palavras tais como: mangonheiros, berrida, monos, cubatas, imbambas, suinguista, xuculula-lhe, bassula, quinjongos, entre outras.

Ao misturar o português e o quimbundo, Luandino assume-se ora como homem urbano que domina a escrita, ora como contador de estórias tradicionais, colocando no plano da linguagem a possibilidade de combinar duas tradições conflituosas, a oralidade e a escrita. A esse respeito, Dantas (2007, p. 38) assinala que:

Embora escritas em português, essas expressões e vocábulos se identificam algumas vezes com a língua do colonizador apenas quanto ao significante,

uma vez que, quanto ao significado, se identificam mesmo é com o universo semântico do colonizado, o que obriga o leitor interessado a um conhecimento mais profundo da realidade angolana, para poder melhor penetrar no sentimento dos seus textos.

Ao efetivar a transposição da língua do povo para a literatura, Luandino Vieira escolhe como instrumento para expressar ideias não apenas o português angolanizado mas também o quimbundo, língua genuinamente angolana, como ocorre nas palavras de Vavó Xíxi: “ – Sente, menina! Mu muhatu mu ‘mbia! Mu tunda uazele, mu tunda uaxikelela, mu tunda uakusuka... [ a mulher é como a panela dela sai o que é branco, o que é preto e o que é vermelho]” (VIEIRA, 2004, p. 30).

O bilinguismo presente na fala da vavó reforça a oralidade, reivindicando para o quimbundo o reconhecimento das tradições angolanas. É essa linguagem repleta de sonhos e sensações que se sobressai diante da vida precária desses personagens. Ela corresponde a um ponto de equilíbrio, mostrando que mesmo diante do caos há valores essenciais como a tradição oral angolana.

Outro fato interessante nessa narrativa é a atuação da personagem Delfina. Ela é o verdadeiro exemplo de resistência cultural e autonomia feminina. Segundo Santilli (2007, p. 63) “as histórias de mulheres angolanas mostram figuras femininas que sem causar dó nem piedade são convincentes. Abrem portas ao conhecimento enquanto induzem a rir, em vez de chorar”. Delfina, a pretendente de Zeca Santos, é uma moça inteligente, funcionária de uma fábrica e frequentadora dos bailes de sábado. Bonita, sedutora, mas brava, ela percorre os mesmos espaços institucionais que os homens em busca de sucesso profissional. É a personagem feminina que se destaca do anonimato do musseque, pois se transforma de objeto a sujeito no processo social que, produzindo contribui para transformar aquela sociedade. Ela contraria o clichê da passividade que transforma a mulher em objeto do homem. Quando Zeca Santos procura satisfazer seus desejos sexuais, ela reage brutalmente rompendo com a tradição de manter o privilégio masculino e patriarcal:

Sentiu, debaixo dos dedos, as mamas pequenas dela de repente apertadas e a outra mão espetou-se com força e medo, com raiva, na coxa negra e forte que o vestido, desarrumado, não tapava mais [...] Quase a chorar, agarrando o vestido aí no sitio onde os dedos dele tinham reventado os botões Delfina

zuniu-lhe todas as palavras- podres que a cabeça inventava que a sua boca sabia, insultou, cuspiu-lhe:  
- você pensa que sou da tua família, pensas? Que sou dessas, deita no capim, pega cinquenta, vem dormir comigo? Pensas? Seu sacana, seu vadio de merda! Vagabundo, vadio, não tens vergonha! Chulo de sua avó, seu pele-e-osso!.. (VIEIRA, 2004, p. 44).

Nessas palavras, Delfina encarna a mulher em face do mundo e indica o tempo em que seu espaço já não é concebido como o da margem, o da periferia do processo social. Ela rejeita o prazer fácil e transitório assumindo uma postura centrada no mundo do trabalho e das responsabilidades, valorizando sua reputação e seu corpo. Nesse sentido, Santilli (2007, p. 74) verificou que a literatura que passa a ocupar-se das mulheres luandinas, “dá ênfase a outro tipo de parceria com o homem, o da co-aprendizagem no jogo bruto da sociedade em geral”. Apesar da degradação de todos os tipos e ordens existente no musseque, Luandino Vieira destaca o desempenho feminino no jogo de alcançar o poder em uma época de Pré-Independência.

No final da narrativa percebe-se que os personagens que almejavam uma melhoria, permanecem na mesma situação difícil que fora colocada no início da estória. Sobre o clima tenso da fome e do desemprego, o narrador encerra a estória com o choro de Zeca Santos que invade todo o musseque:

Depois, nada mais que ele podia fazer já, encostou a cabeça no ombro baixo de Vavó Xíxi Hengele e desatou a chorar um choro de grandes soluços parecia era monandengue, a chorar lágrimas compridas e quentes que começaram correr nos riscos teimosos as fomes já tinham posto na cara dele, de criança ainda (VIEIRA, 2004, p. 50-51)

Com um final melancólico, a narrativa mostra a impotência de Zeca Santos diante de seus problemas. O moço não consegue nenhuma possibilidade de inserção na sociedade luandense, continuando alheio às grandes transformações do período Pré-Independência, testemunhando uma época de grandes contradições. A afirmação de sua infantilidade em quimbundo e em português –parecia era monandengue e cara dele, de criança ainda- reforça sua incompreensão da realidade.

Dessa forma, o sofrimento de Vavó Xíxi e Zeca Santos corresponde ao sofrimento de muitos angolanos que ainda não encontraram um meio de sobrevivência. Marcados pela fome,

medo e miséria eles tentam encontrar um caminho para o reequilíbrio, mas acabam retornando sempre para a mesma posição. A enumeração de várias humilhações e o perigo de ainda morrer de fome mostra que é preciso se buscar uma mudança. A imagem da dor física e interior somadas à falta de rumo desses personagens transmite “um caráter de obra problematizadora e inacabada, sem ponto conclusivo, deixando para o leitor a tarefa de complementá-la” (DANTAS, 2007, p. 36).

## REFERÊNCIAS

DANTAS, Elisalva Madruga. O ethos revolucionário na obra de Luandino Vieira. In: CHAVES, MACÊDO E VECCHIA, Rita, Tânia e Rejane (Orgs.). *A Kinda e a Missanga: encontros brasileiros com a literatura angolana*. São Paulo: Cultura Acadêmica; Luanda: Nizla, 2007

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na pós-modernidade*. 9. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004

MACEDO, Tânia. Luanda: violência e escrita. In: CHAVES E MACÊDO, Rita e Tânia (Orgs.). *Marcas da Diferença: as literaturas africanas de língua portuguesa*. São Paulo: Alameda, 2006

RAMOS, Marilúcia Mendes. Literatura, história e cotidiano nas Estórias do Musseque, de Jofre Rocha. In: CHAVES, MACÊDO E VECCHIA, Rita, Tânia e Rejane (Orgs.). *A Kinda e a Missanga: encontros brasileiros com a literatura angolana*. São Paulo: Cultura Acadêmica; Luanda: Nizla, 2007

SANTILLI, Maria Aparecida. Mulheres angolanas: um viés alegre de resistência cultural. In: CHAVES, MACÊDO E VECCHIA, Rita, Tânia e Rejane (Orgs.). *A Kinda e a Missanga: encontros brasileiros com a literatura angolana*. São Paulo: Cultura Acadêmica; Luanda: Nizla, 2007

VIEIRA, José Luandino. *Luuanda*. Lisboa: Caminho, Nzila, 2004